



CORPO, MASCULINIDADES E CULTURA FÍSICA: MAPEAMENTO INICIAL DE PESQUISAS NOS ESTUDOS CULTURAIS FÍSICOS

BODY, MASCULINITIES AND PHYSICAL CULTURE: INITIAL MAPPING OF RESEARCH IN PHYSICAL CULTURAL STUDIES

CUERPO, MASCULINIDADES Y CULTURA FÍSICA: MAPEO INICIAL DE LA INVESTIGACIÓN EN ESTUDIOS CULTURALES FÍSICOS

Vitor Kauê Santos Pereira Filho


<https://orcid.org/0000-0002-0731-2053> 


<https://lattes.cnpq.br/4822485432503763> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Pontal do Araguaia, MT – Brasil)

vkaue999@gmail.com

Eduarda Carolina Irber


<https://orcid.org/0000-0002-7722-2272> 


<http://lattes.cnpq.br/3521439317639112> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Pontal do Araguaia, MT – Brasil)

dudairber@gmail.com

Vitor Hugo Marani

<https://orcid.org/0000-0003-0972-5043> 

<http://lattes.cnpq.br/2961782683090337> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Pontal do Araguaia, MT – Brasil)

vitor.marani@ufmt.br

Resumo

Esta pesquisa visa mapear os estudos de masculinidades a partir das relações entre Estudos Culturais Físicos e Feminismo por meio das leituras entre corpo, cultura física e poder, de modo a produzir reflexões que possam subsidiar pesquisas na educação física brasileira. A investigação foi baseada nos pressupostos qualitativos, com base em revisão de literatura acerca dos temas “Corpo”, “Masculinidades” e “Cultura Física”. Neste trabalho se fez presente três tópicos de discussão que foram elaborados por meio de análise bibliográfica de nove textos, evidenciando a temática masculinidade. Por fim, conclui-se que o debate de masculinidade no esporte pode contribuir com diversas reflexões na maneira como os homens participam e experienciam a educação física no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Gênero; Homens; Educação Física.

Abstract

This research aims to map the studies of masculinities from the relationship between Physical Cultural Studies and Feminism through readings between body, physical culture, and power, to produce reflections that can support research in Brazilian physical education. The investigation was based on qualitative assumptions, based on a literature review on the themes "Body", "Masculinities" and "Physical Culture". In this work, three discussion topics were presented, which were elaborated through a bibliographical analysis of nine texts, highlighting the masculinity theme. Finally, it is concluded that the debate on masculinity in sport can contribute to several reflections on the way men participate and experience physical education in the Brazilian context.

Keywords: Gender; Men; Physical Education.

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo mapear los estudios de las masculinidades a partir de la relación entre los Estudios Culturales Físicos y el Feminismo a través de lecturas entre el cuerpo, la cultura física y el poder, con el fin



de producir reflexiones que puedan apoyar la investigación en educación física brasileña. Para ello, se realizó una investigación cualitativa, a partir de una revisión bibliográfica sobre los temas "Cuerpo", "Masculinidades" y "Cultura Física". En este trabajo, fueron presentados tres temas de discusión, que fueron elaborados a través de un análisis bibliográfico de nueve textos, destacándose el tema de la masculinidad. Se concluye que el debate sobre la masculinidad en el deporte puede contribuir a la reflexión sobre la forma en que los hombres participan y experimentan la educación física en el contexto brasileño.

Palabras clave: Género; Hombres; Educación Física.

INTRODUÇÃO

O debate acerca das investigações que discutem as masculinidades nos estudos de gênero é intenso e está documentado em inúmeros quadros teóricos (EVERS; GERMON, 2017; PRINGLE, 2017; GARDINER, 2005; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Esses subsídios teóricos apresentados por autores e autoras vem gerando impactos nas agendas investigativas educacionais e nas discussões de gênero no esporte (RAY, 2019; THORPE, 2010; PRINGLE; MARKULA, 2005; ANDERSON, 2011). Dessas reflexões, esforços distintos são empreendidos, de modo a compreender as experiências de corpos generificados e sexualizados, o que aponta para a multiplicidade de inter-relações no campo da Educação Física.

Diante das abordagens presentes no cenário da Educação Física e da Sociologia do Esporte, canalizamos nossos esforços na compreensão de um campo específico, que a partir dos estudos do corpo, utilizam releituras que atravessam a perspectiva cultural, social e econômica (ANDREWS; SILK, 2015). Essa área intelectual de estudos é reconhecida como Estudos Culturais Físicos - ECF (*Physical Cultural Studies* - PCS), uma abordagem originária de países de língua inglesa, que nos permite se aproximar das discussões sobre as masculinidades. Dada sua produção recente no interior do debate epistemológico internacional, no final da década de 2000 (ANDREWS, 2008), os ECF são interpelados por grandes contribuições feministas, e assim como aponta Pringle (2017), os estudos de masculinidades partem, inicialmente, de iniciativas e investigações feministas.

Como campo dinâmico, os Estudos Culturais Físicos pressupõem uma série de variações emergentes que subsidiam ações de pesquisa voltadas à compreensão das relações entre corpo, cultura física e poder (ANDREWS, 2008; SILK; ANDREWS, 2011; SILK; ANDREWS; THORPE, 2017). Os ECF também são entendidos como sensibilidade que orienta novas descobertas em investigações que envolvam os Estudos Feministas, o que proporciona condições para que os espaços acadêmicos ocupados por ambas as abordagens possam ser explorados a partir de outras lentes (THORPE; MARFELL, 2019).





As relações entre Feminismo e ECF, se constituem a partir de teias complexas que contribuem para “[...] compreender as experiências corporificadas, afetivas, reflexivas e políticas das mulheres na cultura física” (THORPE; MARFELL, 2019, p. 1, tradução nossa). Ao corroborarem na construção de um diálogo crítico entre Estudos Feministas e ECF, diversas autoras delineiam como os Estudos Culturais Físicos Feministas – apresentado na edição especial de 2019, do *Journal Leisure Science* –, podem projetar novos entendimentos relacionados às discussões entre corpo, gênero e cultura física.

Mediante as influências e contribuições dos estudos feministas nos ECF, passamos a nos perguntar: existem estudos sobre masculinidades nos Estudos Culturais Físicos (*Physical Cultural Studies*)? Em caso positivo, como estes se organizam? Quais são as teorias que informam tais discussões? Como tais estudos contribuem para pensar as relações de gênero na cultura física? E, por último, como tais pesquisas podem contribuir para o contexto da educação física brasileira? Desta forma, esse estudo é fruto de uma iniciação científica, com objetivo de mapear os estudos de masculinidades a partir das relações entre Estudos Culturais Físicos e Feminismo por meio das leituras entre corpo, cultura física e poder, de modo a produzir reflexões que possam subsidiar pesquisas na educação física brasileira.

METODOLOGIA

A metodologia proposta para essa pesquisa foi de cunho qualitativo e bibliográfico (DENZIN; LINCOLN, 2017), a partir de produções acadêmicas que compõem a abordagem dos Estudos Culturais Físicos (ECF). A pesquisa teve como intuito, acompanhar o debate sobre as relações entre Estudos Culturais Físicos e Feminismo, por meio do recorte da categoria “masculinidades”. Para tanto, foram realizados fichamentos da literatura internacional em forma de artigos científicos e capítulos de livro, produzidos por pesquisadores/as que integram os ECF e discutem de alguma forma masculinidades.

Na primeira etapa da pesquisa foi realizada a incursão pela obra *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, uma publicação utilizada neste artigo como referência, visto a relevância das contribuições para investigações que abordam a fisicalidade. O *Handbook* foi publicado em 2017 e organizado por Michael L. Silk, David L. Andrews e Holly Thorpe, composto por 58 capítulos, divididos em nove seções, o que totaliza 641 páginas de textos em língua inglesa (LARA; RICH, 2017). A incursão pela obra foi realizada a partir da busca no índice remissivo ao final do livro, buscando as seguintes temáticas: “*masculine*”,





"masculinity", com essa busca inicial foi possível selecionar 29 capítulos para leituras e fichamentos.

Após este primeiro contato, se fez necessário a realização de um novo processo de seleção, com intuito de analisar quais textos contemplam a temática investigada. Desse modo, dos 29 capítulos selecionados inicialmente, apenas sete tratavam da temática de masculinidades de forma acentuada. Posteriormente a realização de releituras, ocorreu mais um momento de seleção, a partir das aproximações dessas sete bibliografias com os estudos de masculinidades e a relação com o feminismo. Por fim, nessa primeira etapa foram selecionados cinco capítulos do *handbook* a serem utilizados nos elementos de discussão deste estudo.

Por meio do processo realizado na primeira etapa, identificaram-se autores/as citados ao longo dos capítulos do livro, tais estudiosos apresentam trabalhos relacionados com a temática investigada nesta pesquisa. Com isso, a segunda etapa ocorreu por meio da seleção de obras referenciadas no *handbook* que contemplam as contribuições feministas no campo dos ECF e se aproximam das discussões de masculinidades. Nesse sentido, essas publicações foram encontradas no *Sociology of Sport Journal* (2005), *Journal of Sport and Social Issues* (2010), *The Palgrave Handbook of Feminism and Sport* (2017) e na edição especial *Journal Leisure Science* (2019). Por fim, foram selecionadas quatro obras nesta etapa, deste modo, ao final das duas etapas foi possível obter 9 (nove) bibliografias apresentadas no quadro um abaixo.

Quadro 1 – Textos utilizados nas discussões

Título	Autoria	Ano	Formato da Publicação
<i>Gendered bodies</i>	Clifton Evers e Jennifer Germon	2017	Capítulo do livro <i>Routledge Handbook of Physical Cultural Studies</i>
<i>On the Development of Sport and Masculinities Research: Feminism as a Discourse of Inspiration and Theoretical Legitimation</i>	Richard Pringle	2017	Capítulo do livro <i>The Palgrave Handbook of Feminism and Sport</i>
<i>Aestheticized bodies</i>	Julia Coffey	2017	Capítulo do livro <i>Routledge Handbook of Physical Cultural Studies</i>
<i>Mediated and commodified bodies</i>	David Rowe	2017	Capítulo do livro <i>Routledge Handbook of Physical Cultural Studies</i>





<i>Digital mediation, connectivity, and networked teens</i>	Jessica Ringrose e Laura Harvey	2017	Capítulo do livro <i>Routledge Handbook of Physical Cultural Studies</i>
<i>Spectacular and eroticized bodies</i>	Toby Miller	2017	Capítulo do livro <i>Routledge Handbook of Physical Cultural Studies</i>
<i>The Postqualitative Turn in Physical Cultural Studies</i>	John Ray	2019	Artigo na revista <i>Leisure Sciences</i>
<i>Bourdieu, Gender Reflexivity, and Physical Culture: a case of masculinities in the snowboarding field</i>	Holly Thorpe	2010	Capítulo na revista <i>Journal of Sport and Social Issues</i>
<i>No Pain Is Sane after All: A Foucauldian analysis of masculinities and men's rugby experiences of fear, pain, and pleasure</i>	Richard Pringle e Pirkko Markula	2005	Capítulo na revista <i>Sociology of Sport Journal</i>

Fonte: construção dos autores.

Para a realização das análises desta investigação foram utilizadas as obras apresentadas no quadro um acima, bibliografias que se caracterizam em artigos científicos e capítulos de livro, acionadas para contemplar o objetivo desta pesquisa. É válido ressaltar que as obras utilizadas se encontram em língua inglesa, deste modo, a leitura e releitura foram realizadas em língua nativa, ou seja, sem utilizar nenhuma ferramenta de tradução, os textos foram lidos na sua forma original. Esses trabalhos foram selecionados por meio do recorte de masculinidades no campo dos ECF, como descrito na primeira e segunda etapa acima.

A partir deste panorama, a terceira etapa da investigação foi composta pela organização do material coletado que diz respeito às relações entre ECF e Masculinidades. Desta maneira, problematizando categorias por meio das contribuições feministas nos ECF e os modos como (re)orientaram as relações entre corpo, cultura física e poder. Com a análise dos nove textos obtidos com as duas etapas anteriores, foi possível elaborar três tópicos de discussões, quais sejam: I) Masculinidades nos Estudos Culturais Físicos: incursões teórico-conceituais; II) O corpo e suas relações com as Masculinidades; III) Masculinidades na Cultura Física: atravessamentos empíricos no esporte. Apesar de conter inúmeras afinidades temáticas, por meio da elaboração desses tópicos de discussões pôde-se construir um aporte didático para a visualização de como as masculinidades atravessam a abordagem dos Estudos Culturais Físicos.





RESULTADOS E DISCUSSÕES

Masculinidades nos Estudos Culturais Físicos: incursões teórico-conceituais

Este tópico foi estruturado para apresentar os entendimentos sobre Masculinidades e Gênero presentes nos ECF, evidenciando o modo em que essas duas categorias estão relacionadas com a cultura, a sexualidade e as relações de poder. Para tanto foram utilizadas as seguintes contribuições: Evers e Germon (2017), Pringle e Markula (2005), Thorpe (2010) e Pringle (2017). Por meio de análise dessas publicações, torna-se possível obter uma compreensão inicial dos elementos teórico-conceituais que atravessam a temática de masculinidades nos ECF. É importante ressaltar que concepções acerca de masculinidades também emergem nos demais textos que compõem a análise, porém, as produções destacadas neste tópico exploram de modo mais direto aspectos conceituais do tema, ao invés de utilizá-lo somente como campo empírico. Assim, entendemos que a presente discussão pode servir de aporte teórico para incursões conceituais na abordagem dos Estudos Culturais Físicos.

Entre os textos, iniciamos com o capítulo "*Gendered bodies*", de Evers e Germon (2017), componente da obra *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies* (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017). Neste texto, há discussão sobre o conceito de masculinidade e feminilidade. Dessa maneira, os autores já começam o texto destacando e abordando sobre gênero, ressaltando que esse tema nem sempre existiu e que ele surge através do trabalho do sexologista John Money. Evers e Germon (2017), exploram toda a origem do tema e em como a discussão envolta da temática de gênero foi acontecendo ao longo do tempo.

Nesse primeiro momento, Evers e Germon (2017) trazem o trabalho de Schiebinger, que apresenta a mulher como um ser complementar ao homem, onde, o homem é visto como forte, independente, racional e com outras características indicando que o homem é resistente, robusto, etc. Já a mulher é vista como mais emocional, irracional, fraca, e com outras características que indicam fragilidade e delicadeza. Deste modo, os autores explicam que o gênero é entendido e experienciado de maneira relacional, na qual, o masculino e feminino estão atravessados por relações de poder, que ditam as suas características.

Conforme explicam Evers e Germon (2017), os gêneros – masculino e feminino – sempre foram, de uma alguma forma, envolvidos e influenciados pela classe social, visto que o ideal de masculinidade e feminilidade está voltado para as práticas, costumes e maneiras de





agir, conforme o sujeito branco de classe média. Dessa forma, tendo reconhecimento desse envolvimento com a classe, o autor Evers e a autora Germon (2017), abordam que para um entendimento amplo de corpos e de gênero é também necessário o entendimento da sexualidade, visto que as práticas sexuais podem variar segundo a cultura, o tempo e o espaço em que o indivíduo se encontra inserido.

Essa ideia de variações das práticas sexuais apresentada é anteriormente reforçada de maneira semelhante pelo autor Pringle e a autora Markula (2005), no texto intitulado "*No Pain Is Sane after All: a Foucauldian analysis of masculinities and men's rugby experiences of fear, pain, and pleasure*". Deste modo, os autores, relatam que os homens com o passar do tempo, ao irem adquirindo mais idade, as formas e discursos de masculinidades, também vão tendo alterações conforme o estágio de vida que eles se encontram.

Pringle e Markula (2005), citam que na fase de adolescência, a busca por ser mais agressivo, mais forte e tolerar a dor é presente no comportamento desses pequenos homens e ao se tornarem adultos esses comportamentos de maneira geral, acabam perdendo a predominância. Ainda relacionando com as ideias colocadas por Evers e Germon (2017), a autora Holly Thorpe (2010) no artigo intitulado de "*Bourdieu, Gender Reflexivity, and Physical Culture: A Case of Masculinities in the Snowboarding Field*", apresenta ideias em que as práticas e ações masculinas são influenciadas conforme a posição que este sujeito ocupa em um campo social. Dessa forma, projetando que, enquanto os homens vão adquirindo mais responsabilidades sociais, as suas experiências e modos de agir vão se modificando.

Thorpe (2010) destaca no artigo citado acima, que as experiências no *snowboarding* mudam de acordo com que os homens vão envelhecendo, isso se relaciona com a contribuição de Pringle e Markula (2005), que apresentam as experiências dos homens no contexto do *rugby*, sob perspectiva de mudança, de acordo com a idade em que esses sujeitos se encontram. Nos dois textos é possível identificar que a idade tem a sua importância na maneira com que os indivíduos se modulam, nesse caso, visível no modo em que os homens experienciam as diferentes modalidades esportivas apresentadas pelos dois textos.

Evers e Germon (2017), apontam que o sexo não é determinado no nascimento, mas ele pode e vai se transformando durante a vida e conforme as experiências do indivíduo. Ao longo do capítulo 14 já citado, o autor Evers e a autora Germon (2017), exploram e se movem por diversas esferas, disciplinas e tradições acadêmicas, mostrando que os Estudos





Culturais Físicos podem ser vistos como espaços de acolhimento dessa diversidade, em que essas temáticas e metodologias possam se encontrar.

O autor Richard Pringle (2017), explica que no capítulo de livro intitulado de "*On the Development of Sport and Masculinities Research: Feminism as a Discourse of Inspiration and Theoretical Legitimation*", nas últimas décadas ocorreu uma transformação significativa na relação da vida de homens e mulheres em relação ao entendimento de gênero e sexualidade. Nesse sentido, ocorreu uma diminuição da homofobia, aumento de oportunidades para as mulheres e surgimento de diversas campanhas ajudando essa causa, segundo o autor, essa melhora veio através das ações de ativistas e pesquisadoras feministas.

Ao longo do capítulo citado anteriormente, Pringle (2017) buscou traçar a influência que os estudos feministas estão tendo nos entendimentos sobre o recorte discutido neste artigo e como eles estão moldando os estudos sobre homens, masculinidades e gênero no contexto esportivo. De acordo Pringle (2017), se não fosse o feminismo, a ideia de estudar as masculinidades talvez, não tivesse sido abordada, apesar dos homens serem protagonistas em variados campos de estudos, os pesquisadores homens não haviam explorado os fatores sociais, que moldam como os homens performam as masculinidades.

De acordo com Pringle (2017), o esporte moderno é conceituado por Nancy Theberge (1981), como um espaço sexista, no qual, os homens têm domínio e são orientados a partir da masculinidade. Pringle (2017) e outros autores revelam que o esporte não é só amplamente privilegiado de homens sobre as mulheres, mas também diferenciado em privilegiar uma forma de masculinidade sobre formas marginalizadas e subjugadas de masculinidades. Ainda como explica o autor, os entendimentos de masculinidades são moldados tanto pelas relações entre homens, quanto pelas relações entre homens e mulheres, de modo que, as masculinidades são definidas principalmente em relação às feminilidades, ou seja, as masculinidades são movimentos para se distanciar das feminilidades (PRINGLE, 2017).

Ao longo desse tópico foi evidenciado as discussões de masculinidades e gênero presentes nos ECF, abordando um recorte específico da trajetória e construção da categoria gênero e a maneira em que as práticas sexuais e socioeconômicas a atravessam. Desta forma, os estudos de masculinidades se apresentam como ramificação desta categoria, entendida como plural, assim como, o campo intelectual dos ECF, que manifestam a característica de pluralidade interpelada pelas contribuições feministas. Por fim, com essas concepções acerca





de gênero e masculinidades, o próximo tópico busca discutir as relações corporais com a (re)produção das masculinidades.

O corpo e suas relações com as masculinidades

Este tópico pretende evidenciar as discussões que tematizam a imagem corporal e as masculinidades destacando os efeitos gerados e as suas relações, para tanto, foram utilizadas as seguintes contribuições: Coffey (2017), Rowe (2017), Ringrose e Harvey (2017) e, Ray (2019). A partir da análise dessas obras, o tópico busca apresentar os efeitos que a fisicalidade tem na (re)produção das masculinidades e na maneira em que a imagem corporal atravessa os homens, a partir da reunião de textos que enunciam o corpo como elemento central de tais análises. Em complemento, a visualização do corpo como central no processo investigativo emerge da própria construção epistemológica dos Estudos Culturais Físicos, que aponta para o corpo como central para o reconhecimento das relações de poder social (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017).

Inicialmente, o capítulo "*Aestheticized bodies*", de Julia Coffey (2017), dá início ao capítulo com a discussão do corpo estético, em como ele é alvo de indústrias comerciais, dos estudos acadêmicos e teóricos. A autora, analisa as práticas estéticas de trabalho corporal de construção muscular e cirurgia estética, com ênfase nos padrões culturais estéticos. Coffey (2017), indaga que isso pode estar ligado a diversos fatores, tanto social, cultural e econômico, como também, a expansão das indústrias que estão ligadas a promoção e melhoria da estética, junto às mídias digitais e sociais que também tem contribuição no crescimento e popularização da busca pela estética corporal.

Segundo Coffey (2017), as mulheres são criticadas em relação a cirurgias estéticas e a partir disso, os homens estão passando a se preocupar e serem mais críticos com a própria imagem corporal, a autora aborda isso, como uma cultura de consumo, na qual, a imagem do corpo é muito importante para o indivíduo. Conforme Coffey (2017), nessa cultura há uma obsessão pelo corpo, sendo voltada para a aparência corporal, como coloca a autora sobre o "bem-estar". Dessa forma, alegando três fatores centrais para o entendimento da cultura de consumo, que está envolvida pela imagem, propaganda e desejo, esses fatores ajudam a entender o foco no corpo tanto para homens, quanto para mulheres (COFFEY, 2017).

A autora Coffey (2017), realizou uma pesquisa com pessoas de 18 a 33 anos, sendo 11 homens e 11 mulheres, cujo objetivo foi explorar o trabalho corporal, observando o modo





como os corpos são entendidos pelos entrevistados. Na entrevista com os homens, a prática de trabalho corporal foi a construção muscular, nisso Coffey (2017), conforme destacado pela autora. Nesse sentido, a autora relata que os homens revelaram a busca de atingir um ideal de homem imposto a eles, a maneira que eles aparentam ser é muito importante, evidenciando o desejo dos homens entrevistados de quererem aparentar ser cada vez maiores e mais fortes.

Assim como citado acima, a autora Coffey (2017), apresenta que quase todos os 11 homens que ela entrevistou, manifestaram o desejo de querer ser mais musculosos. A partir disso, ao longo do texto ela apresenta alguns relatos de um entrevistado, esse entrevistado é um ex-jogador profissional de beisebol, que relata a existência de uma busca por um corpo ideal masculino, estando na posição de jogador profissional, logo há certa cobrança. Nesse sentido, o jogador relata que mesmo após se aposentar, ele não consegue ficar longe de rotinas de treinos, pois, ajuda a manter um corpo mais atlético e muscular, declara sentir uma espécie de pressão para manter essa aparência que ele carrega há tanto tempo.

De acordo com Coffey (2017), aparentar músculos, muitas vezes, é entendido como uma maneira de comunicar ou assegurar a identificação de ter uma identidade masculina tida como normativa. A autora Coffey (2017), traz a narrativa que destaca a importância e o valor que a aparência tem no contexto de um jogador profissional de beisebol. O autor John Ray (2019), no texto intitulado de *"The Postqualitative Turn in Physical Cultural Studies"* também destaca essa relação da aparência, principalmente a do homem, em relação aos esportes. John Ray (2019), menciona que um jogador no contexto do Futebol Australiano, por ser grande, ele mesmo antes de jogar, passou a ser valorizado pelos companheiros de equipe, pelo simples fato de ser grande e conseqüentemente ofereceria uma vantagem física para o time.

No capítulo 24 da obra *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies* (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017), intitulado de *"Mediated and commodified bodies"*, o autor Rowe (2017), dá início ao capítulo abordando que o corpo sempre foi central para o esporte e que vem sendo reconfigurado. Dessa forma, o autor fala da mediação e mercantilização dos corpos, que segundo Rowe (2017), em tempos pré-industriais, pré-capitalista, o corpo esportivo foi utilizado pela diversão. Atualmente há a mercantilização dos corpos esportivos (atletas), fazendo o atleta como uma espécie de "produto" que pode ser comercializada por clubes, corporações, empresários e outros, visando obter-se lucro. Na modernidade capitalista, o esporte tem sido caracterizado como uma prática física cada vez mais racionalizada, regulada e competitivamente orientada (ROWE, 2017).





Com a chegada dos esportes na televisão, a mercantilização teve aumento, pois o corpo esportivo ficou mais visível, emergindo a potente perspectiva de explorar a imagem de um determinado padrão, sendo este, o corpo atlético de alto rendimento em movimento. Deste modo, Rowe (2017) explica que não se apresentava mais a “barreira” física para conseguir assistir o esporte, ou seja, para assistir à prática de um esporte antes da televisão, era necessário ir presencialmente. Conforme o autor indaga, com a assinatura de televisão, contendo público pagante, os que pagam para assistir de maneira remota os jogos, o estádio se tornou um tipo de set de filmagem ao vivo, em que os torcedores estariam “atuando” para o público que assiste pela televisão ou por serviços de assinatura (ROWE, 2017). Dessa forma, permitindo às propagandas nesse formato remoto e uma maior mercantilização dos corpos esportivos (atletas) que possuem maior valor de maneira geral, são os que acabam sendo mais vistos.

O autor Rowe (2017), destaca a história do jogador inglês David Beckham, que só pelas atuações e desempenho em campo, talvez não teria uma grande relevância e popularidade, mas como ele foi um jogador que era notado pelo seu corte de cabelo, tatuagens, acessórios, etc., fez com que ele ganhasse popularidade e fosse mais visto. Assim, aumentando o seu “valor”, como cita o autor Rowe (2017), David Beckham participou de diversas propagandas com grandes marcas e conseguiu jogar em grandes clubes da Europa.

Portanto, ao longo desse momento do estudo foi evidenciado as discussões sobre a imagem corporal e suas relações com as masculinidades, apresentando os efeitos que a aparência corporal tem no modo em que os homens performam suas masculinidades. Com este tópico é possível observar que o corpo está marcado na (re)produção das masculinidades e no modo em como os homens vivem. A partir das ideias de imagem, aparência corporal e suas relações nas maneiras de praticar as masculinidades apresentadas nesse tópico, o próximo tópico visa apontar e evidenciar as masculinidades no contexto esportivo.

Masculinidades na Cultura Física: atravessamentos empíricos no esporte

O referido tópico teve como objetivo evidenciar as discussões que tematizam as masculinidades nas modalidades esportivas: *rugby*, futebol australiano, *snowboarding* e beisebol. Para tanto, destacamos as relações apresentadas desses esportes com as masculinidades nos textos analisados. Para tanto, foram utilizadas as seguintes contribuições: Miller (2017), Ray (2019), Thorpe (2010), e, Pringle e Markula (2005). Por meio de análise dessas





obras, foi possível observar que as masculinidades em contexto esportivo estão sujeitas a mudanças, seja por conta da idade do sujeito, do cenário o qual se encontra e expectativas tidas para estes homens. De modo geral, tais textos exploram o conceito a partir do modo como esse materializa-se no campo empírico, elucidando análises contextuais a partir de distintas manifestações de gênero no cenário esportivo.

No capítulo 25 da obra *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies* (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017), intitulado "*Spectacular and eroticized bodies*", o autor Miller (2017), fala que nas últimas três décadas o esporte se transformou em projeto capitalista internacionalista através da mídia, buscando dirigir a atenção dos espectadores para os anunciantes. De acordo com Miller (2017), o corpo tornou-se um lócus de desejo cada vez mais visível, não sendo apenas as mulheres que passam por isso, colocando que a objetificação do corpo masculino não é universalmente bem-vinda, mas que direciona suposições sobre esportes de espectadores.

De acordo com Miller (2017), qualquer forma de espetáculo tem potencial para ser prazeroso e perigoso ao mesmo tempo, em que a mídia e os torcedores frequentemente investem nos corpos como extensões de si, lugares que jogam o desejo e a raiva, onde, patrocinadores corporativos pagam altos valores para associar os seus produtos com estrelas dos esportes. Miller (2017), expõem que nos Estados Unidos da América é gasto mais de um bilhão de dólares por ano neste tipo de publicidade associada com atletas. Segundo o autor, a audiência irá comprar esses produtos associados às estrelas do esporte como uma maneira de se "aproximarem" de seus atletas favoritos.

Miller (2017) elucida que os homens consomem mais a mídia esportiva e são mais animados com ela do que as mulheres, assim como, a grande maioria das propagandas e do *marketing* é realizado historicamente para atingir o público masculino. O autor argumenta que o número de mulheres que estão sendo espectadoras esportivas vem crescendo e o número de espectadores homens nos Estados Unidos está parcialmente em declínio. Nesse sentido, estão sendo criadas estratégias de marketing e propaganda para atingir o público feminino, visto a crescente no número de espectadoras mulheres.

De acordo com Miller (2017), a natação é vista socialmente como um esporte masculino, ele destaca que uma emissora instruiu os operadores de câmeras nos jogos olímpicos de 1976 a gravarem, captarem imagens dos nadadores em linhas retas para passar uma visão da força, segurança, vitalidade e masculinidades dos nadadores. Por não ser um





esporte de contato, utilizaram dessa estratégia como uma maneira de masculinizar esse esporte, fazendo que os atletas sejam vistos com características tidas como masculinas. Deste modo, o fato de o atleta ser independente na sua prática esportiva, como por exemplo, a modalidade de natação, passa a transmitir a ideia que as modalidades esportivas individuais são estigmatizadas como uma característica masculina.

No texto intitulado de *"The Postqualitative Turn in Physical Cultural Studies"*, o autor John Ray (2019), tem o objetivo de explorar as relações do material-discursivo que gera e atravessa as supostas normativas sobre gênero, esporte e culturas físicas. De modo, a se apropriar da autoetnografia como metodologia na produção deste artigo e como Ray (2019) cita, a etnografia vem sendo utilizada para explorar os diversos campos esportivos, revelando as maneiras pelas quais as normas de gênero podem transgredir nos esportes.

John Ray (2019), fez este artigo analisando *Australian Football League (AFL)*, no qual, os programas e mídia promovem as versões do jogo, sempre voltada para o público masculino, o autor cita que a equipe de comentaristas de televisão e de rádio são compostas exclusivamente por homens, grande parte por ex-jogadores. De acordo com John Ray (2019), a cultura que parece inerente ao esporte, apresenta discursos e ações que são sustentadas e reproduzidas inúmeras vezes como domínio masculino. Segundo John Ray (2019), são vários discursos que estão atrelados com a masculinidade, no artigo, se apresenta a simbologia da camisa do time, o fato de vestir a camisa do time, em que o atleta tem que "provar" com suas ações no jogo. Neste contexto, para mostrar que merece vestir a camisa do clube e fazer parte da equipe, muitas vezes utiliza-se de ações consideradas masculinas, como, por exemplo: ser agressivo, tolerar dor, etc.

Conforme explica John Ray (2019), a linguagem utilizada entre os atletas também remete posicionamentos voltados para o masculino, no qual é cobrado que o homem exerça sua masculinidade, sendo forte, duro, bruto, e que aguente a dor e sofrimento do jogo. A experiência dele demonstra que as relações não são fixas e que estão em constante mudança, assim, ele também coloca a masculinidade como passível de sofrer alterações. Neste artigo, não precisamos ficar dizendo que os esportes de contato são maneiras de o homem expressar a sua masculinidade.

No texto intitulado de *"Bourdieu, Gender Reflexivity, and Physical Culture: A Case of Masculinities in the Snowboarding Field"*, Holly Thorpe (2010), sugere que a leitura feminista do esquema conceitual original de Bourdieu pode contribuir para multiplicidade, dinamismo e





fluidez das masculinidades, nas relações de gênero no esporte contemporâneo e nas culturas físicas. A autora neste artigo faz um caso de estudo de homens e masculinidades, isso dentro da cultura do *snowboarding*, no qual, ela categoriza quatro grupos diferentes de identificação de masculinidades que ela observou.

De acordo com Holly Thorpe (2010), o *snowboarding* é visto pelo público de maneira tradicional como uma atividade voltada para pessoas novas, brancas e geralmente homens, sendo um espaço possível para observar variadas maneiras e identidades de masculinidade. Holly Thorpe (2010), descreve quatro tipos de masculinidades que podem ser identificadas, primeiro, os garotos adolescentes mais novos, segundo o grupo que ela coloca os homens novos, terceiro, o grupo dos homens de verdade (que já são adultos) e por último homens mais velhos de 30 anos ou mais. Segundo a autora Holly Thorpe (2010), as maneiras de masculinidades são diferentes entre os quatro grupos categorizados e bem dinâmicos.

Holly Thorpe (2010), indaga que o *snowboarding* não é o único espaço de criação de identidade masculina, embora a masculinidade seja fluida, adquirida e negociada em diversos espaços e ambientes, a cultura presente no *snowboarding* não se encontra fixa, mas sim, constantemente contestada por aqueles que estão inseridos nela. Conforme Holly Thorpe (2010), as masculinidades sofrem influência segundo o espaço, o tempo e o contexto, na qual está sendo formada, assim é no *snowboarding*, onde as experiências dos homens são diferentes conforme a posição que ele ocupa, considerando o conhecimento que ele possui deste esporte. Com o estudo de caso realizado, Thorpe (2010) observa que a identidade dos homens foi moldada a partir do crescimento e envelhecimento deles, passando por novos estágios da vida.

No artigo "*No Pain Is Sane After All: A Foucauldian Analysis of Masculinities and Men's Experiences in Rugby*", o autor Pringle e a autora Markula (2005) utilizaram a teorização foucaultiana para explorar as masculinidades com as experiências de dor, medo e prazer dos homens no *rugby*. Neste sentido, realizaram uma entrevista com 14 homens da Nova Zelândia, que possuem variadas experiências com o *rugby*. Com os dados coletados dessas entrevistas, Pringle e Markula (2005), tiveram como resultado, que por mais que o *rugby* seja um espaço para a negociação das masculinidades, essas negociações não são simplesmente a produção ou reprodução de uma masculinidade hegemônica.

Segundo Pringle e Markula (2005), nas entrevistas que eles realizaram, houve relatos dos homens dizendo que a participação na cultura do *rugby*, promoveu a crença de





que os homens devem ser duros, não podem expressar muitas emoções, devem tolerar a dor, ser competitivo e em alguns casos agressivos também. A cultura dos esportes de contato estimula que os homens acabem se distanciando de práticas vistas como femininas e fazendo com que eles busquem valores como ser durão, competitivo, tolerante a dor e exerça dominância física. Apesar disso tudo, de acordo com Pringle e Markula (2005), os resultados obtidos na pesquisa realizada, apoiam que o esporte não é diretamente responsável por produzir concepções de masculinidade dominante, mas que é um campo complexo e contraditório na produção da masculinidade.

Ao longo desse tópico foi abordada as discussões sobre masculinidades no contexto esportivo, sendo foi possível observar que as masculinidades em cenário esportivo estão sujeitas a mudanças e resistências. Deste modo, por mais que o esporte seja um espaço com predomínio masculino, é um campo do qual as masculinidades podem ser negociadas pelos homens. Por fim, este estudo apresenta a maneira em que as masculinidades estão presentes nos Estudos Culturais Físicos, buscando a possibilidade desta investigação poder gerar novas investigações utilizando-se dos ECF para pesquisar as masculinidades em contexto nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo mapear os estudos de masculinidades a partir das relações entre Estudos Culturais Físicos e Feminismo, por meio das leituras entre corpo, cultura física e poder, de modo a produzir reflexões que possam subsidiar pesquisas na educação física brasileira. Para tanto, foi utilizada a metodologia de cunho qualitativo e bibliográfico para acompanhar o debate sobre as relações entre Estudos Culturais Físicos e Feminismo, a partir do recorte da masculinidade.

Constatou-se que nos textos utilizados ao longo deste trabalho o conceito de masculinidade ainda é visto e experienciado, de maneira que o homem tenha que apresentar características que demonstra que ele é forte, racional, independente, que consegue tolerar dor e outras características afins. Na imersão dos textos utilizados nesta investigação, foi possível notar semelhança entre os autores e autoras na apresentação e debate sobre o tema de masculinidades, no contexto dos Estudos Culturais Físicos.

Com este trabalho foi possível compreender que o campo do esporte e da educação física é um espaço em que a masculinidade apresenta privilégios, como em outras





esferas sociais, o campo esportivo exibe um espaço que se pode observar em diferentes lentes a masculinidade de forma mais presente. Por fim, a partir desta investigação conclui-se que o debate da masculinidade no esporte pode contribuir com diversas reflexões no modo que os homens participam e experienciam a educação física no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Eric. Masculinities and sexualities in sport and physical cultures: three decades of evolving research. **Journal of homosexuality**, v. 58, n. 5, p. 565-578, 2011.

ANDREWS, David L. Kinesiology's inconvenient truth: the physical cultural studies imperative. **Quest**, v. 60, n. 1, p. 45-62, 2008.

ANDREWS, David L.; SILK, Michael. Physical cultural studies on sport. In: SILK, Michael; ANDREWS, David; THORPE, Holly. **Routledge handbook of the sociology of sport**. London, England: Routledge, 2015.

COFFEY, Julia. Aestheticized bodies. In: SILK, Michael L.; ANDREWS, David L.; THORPE, Holly (Ed.). **Routledge handbook of physical cultural studies**. London: Routledge, 2017. p. 218-227.

CONNELL, Robert William; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Eds.) **The sage handbook of qualitative research**. 5. ed. London, England: Sage, 2017.

EVERS, Clifton; GERMON, Jennifer. Gendered bodies. In: SILK, Michael L.; ANDREWS, David L.; THORPE, Holly (Eds.). **Routledge handbook of physical cultural studies**. London, England: Routledge, 2017.

GARDINER, Judith Kegan. Men, masculinities, and feminist theory. In: CONNELL, Robert W.; HEARN, Jeff; KIMMEL, Michael S. (Eds.). **Handbook of studies on men & masculinities**. London, England: Sage Publications, 2005.

LARA, Larissa Michelle; RICH, Emma. Os estudos de cultura física na Universidade de Bath-Reino Unido: dimensões de uma abordagem muito além da fisicalidade. **Movimento**, v. 23, n. 4., p. 1311-1324, 2017.

MILLER, Toby. Spectacular and eroticized bodies. In: SILK, Michael L.; ANDREWS, David L.; THORPE, Holly (Eds.). **Routledge handbook of physical cultural studies**. London, England: Routledge, 2017.





THEBERGE, Nancy. A critique of critiques: Radical and feminist writings on sport. **Social forces**, n. 60, p. 341-353, 1981.

PRINGLE, Richard. On the development of sport and masculinities research: feminism as a discourse of inspiration and theoretical legitimation. In: MANSFIELD, Louise and collaborators (Eds.). **The palgrave handbook of feminism and sport, leisure and physical education**. London, England: Palgrave MacMillan, 2017.

PRINGLE, Richard; MARKULA, Pirkko. No pain is sane after all: a foucauldian analysis of masculinities and men's rugby experiences of fear, pain, and pleasure. **Sociology of sport journal**, v. 22, n. 4, p. 472-497, 2005.

RAY, John. The postqualitative turn in physical cultural studies. **Leisure sciences**, v. 41, n. 1-2, p. 91-107, 2019.

RINGROSE, Jessica; HARVEY, Laura. Digital mediation, connectivity, and networked teens. In: SILK, Michael L.; ANDREWS, David L.; THORPE, Holly (Eds.). **Routledge handbook of physical cultural studies**. London, England: Routledge, 2017.

ROWE, David. Mediated and commodified bodies. In: SILK, Michael L.; ANDREWS, David L.; THORPE, Holly (Eds.). **Routledge handbook of physical cultural studies**. London, England: Routledge, 2017.

SILK, Michael L.; ANDREWS, David L. Toward a Physical Cultural Studies. **Sociology of sport journal**, v. 28, n.1, p. 4-35, 2011.

SILK, Michael L.; ANDREWS, David L.; THORPE, Holly (Eds.). **Routledge handbook of physical cultural studies**. London: Routledge, 2017.

SILK, Michael L.; ANDREWS, David L.; THORPE, Holly. Introduction. In: SILK, Michael L.; ANDREWS, David L.; THORPE, Holly (Eds.). **Routledge handbook of physical cultural studies**. London: Routledge, 2017.

THORPE, Holly. Bourdieu, gender reflexivity, and physical culture: a case of masculinities in the snowboarding field. **Journal Of sport and social issues**, v. 34, n. 2, p. 176-214, 2010.

THORPE, Holly; MARFELL, Amy. Feminism and the physical cultural studies assemblage: revisiting debates and imagining new directions. **Leisure sciences**, v. 41, n. 1-2, p.17-35, 2019.

Dados do primeiro autor:

Email: vkaue999@gmail.com

Endereço: Rua das Hortênsias, s/n, Anchieta, Barra do Garças, MT, CEP: 78601624, Brasil.

Recebido em: 18/02/2023

Aprovado em: 23/05/2023

Como citar este artigo:





PEREIRA FILHO, Vitor Kauê Santos; IRBER, Eduarda Carolina; MARANI, Vitor Hugo. Corpo, masculinidades e cultura física: mapeamento inicial de pesquisas nos estudos culturais físicos (*physical cultural studies*). **Corpoconsciência**, v. 27, e15076, p. 1-18, 2023.

Apoio:

*O presente trabalho contou com o apoio financeiro do Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal de Mato Grosso/PIBIC, convênio UFMT, no período de novembro de 2021 a agosto de 2022.

